

## Relevância e Kludges

Sperber&Wilson(1986/95/05) defendem, há mais de vinte anos, uma interessante abordagem sobre a interface comunicação-cognição conhecida como Teoria da Relevância(TR). São dois os princípios básicos que sustentam a arquitetura conceitual da TR em sua forma clássica:

### 1 Princípio Cognitivo de Relevância

A comunicação humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância

### 2 Princípio Comunicativo de Relevância

Todo estímulo ostensivo (intenção informativa e comunicativa) comunica a presunção de sua própria relevância ótima – o estímulo é relevante o suficiente para merecer o esforço de processamento da audiência e – é o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador. O grau de relevância é diretamente proporcional à relação entre esforço de processamento e efeito cognitivo positivo. Em contextos idênticos, tanto menor o primeiro e tanto maior o segundo, mais relevante o estímulo.

Os dois princípios básicos acima assumidos são compatíveis com três suposições metateóricas da TR: a evolução da cognição humana presume o princípio cognitivo da relevância; a modularidade massiva da mente favorece módulos inferenciais dedicados; e a racionalidade do processo comunicativo humano garante o processo de relevância enquanto relação ótima entre esforço de processamento e efeito cognitivo positivo.

O quadro apresentado acima pressupõe uma compreensão do binômio comunicação-cognição enquanto construção sistêmica da história da espécie humana em sua caminhada evolutiva. A concepção da TR é compatível com a idéia de direção e não se opõe a teorias do desenho inteligente.

Gary Marcus(2008), do NYU Centre for Child Language em sua obra mais recente, Kludge – The Haphazard Construction of Human Mind, defende a tese de que o cérebro/mente humano é constituído de inúmeras falhas em decorrência de uma história evolutiva ao acaso e sem qualquer direção. Para ele, devemos responder negativamente à especulação shakesperiana “are human beings noble in in reason and infinite in faculty?” De fato, argumenta Marcus, são muitas as evidências de que a cognição humana é constituída de incontáveis “Kludges”, uma metáfora para artefatos de uso ad hoc e que teriam sido desenhados para outros fins. Aos infinitos estímulos do processo evolutivo, o que se tem é uma resposta adaptativa ao urgente não ao relevante. Assim construído, o cérebro/mente humano funciona como um complexo mecanismo do contingente em que são as circunstâncias que o determinam. A habilidade da resolução de problemas antes de ser um conjunto ordenado e sistêmico de operações lógicas é uma espécie de dispositivo tipo MacGyver, enquanto solução que funciona seja ou não a melhor. “ Its not the most elegant solution to this problem, but Hey, it works”. Sim, somos um exemplo de cognição cheia de dispositivos idiossincráticos. Temos crenças irracionais, uma memória que se deteriora, com formatos confusos e

obscuros e cuja vaguidade nos garante muito pouca certeza sobre o que lembramos. Não trabalhamos nem em termos de pastas e arquivos, comuns hoje a máquinas elementares, nem conseguimos fazer contas complexas, coisas que calculadoras executam com precisão e rapidez. A nossa linguagem, pressupostamente diferenciadora da espécie, vem carregada de ambigüidades, de vaguidades, de redundâncias. Nossas emoções são conflitantes com nossas decisões racionais e nossa história vem dramaticamente construída por guerras inexplicáveis e cujas causas nem conhecemos com precisão. E o que dizer da fragilidade de nossa mente, com doenças que não parecem servir a nenhum propósito adaptacionista. Tomamos decisões estranhas a nós mesmos e votamos em pessoas sem saber exatamente por qual motivo. Aceitamos falácias com naturalidade e temos razões que a própria razão desconhece. Frequentemente, estamos de mau humor, não temos orgasmos e nem estamos felizes quando queremos. Sofremos de graves problemas determinados por pequenas causas e adoramos comer o que nos faz mal. Esse, definitivamente, não é o quadro do desenho inteligente, do criacionismo, mas da evolução ao acaso e sem direção em que a racionalidade é uma surpresa da sobrevivência.